



Pequena antologia sobre o aspecto punitivo da educação na Antiguidade e Idade Média

A Brief Anthology on the Punitive Aspect of Education in Antiquity and in the Middle Ages

Tiago Augusto Nápoli

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo / Brasil

tiagoaugustonapoli@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5665-0270>

Resumo: A partir do estudo de Parsons (2015), propõe-se aqui uma breve antologia de textos predominantemente clássicos e medievais, cujo foco seja a relação entre a educação e a violência física. Desta forma, dois objetivos nortearam o trabalho: em primeiro lugar, apresentar obras tanto de autores renomados quanto de outros pouco estudados comparativamente, a fim de evidenciar algumas de suas afinidades e discrepâncias acerca do tema supracitado; em segundo lugar, revelar uma das facetas – embora decerto não a única – do processo de aprendizagem tal como observado nos períodos em questão.

Palavras-chave: Antiguidade Clássica; Idade Média; pedagogia; práticas punitivas; tradução.

Abstract: Based on Parsons (2015), we offer a brief anthology mainly of classical and medieval texts, whose principal subject matter is the relationship between education and corporal punishment. In this regard, two objectives were considered: firstly, to present texts both of renowned and lesser-known authors in order to highlight their similarities and differences about the aforementioned subject; secondly, to reveal an important aspect of the learning process in Antiquity and in the Middle Ages, although certainly not the only one.

Keywords: Classical Antiquity; Middle Ages; Pedagogy; Punitive Practices; Translation.

1 Nota Introdutória

As implicações sociais decorrentes do sofrimento físico¹ e, por conseguinte, dos meios de produzi-lo ou atenuá-lo dificilmente podem ser circunscritas a uma única dimensão. No âmbito jurídico, a prática da tortura vinculou-o historicamente à obtenção de uma verdade,² sobretudo com fins comprobatórios. Mais importante, ao definir aqueles que estariam sujeitos a ela, tornava inequívocas as relações de poder que lhe eram subjacentes.³ No âmbito da medicina, o *corpus* hipocrático já procurava extirpar (ἀπαλλάσσειν) a agonia dos doentes (τῶν νοσεόντων τοὺς καμάτους),⁴ levada em conta a teoria

¹ Evidentemente o mesmo se aplicará à sua vertente psíquica.

² Lê-se no *Digesto*, via citação de Ulpiano (c. 170 – c. 223 d.C.): “Deve-se entender a tortura como os suplícios e a dor corporal [infligidos] para extrair a verdade. O interrogatório por si só ou uma intimidação branda não dizem respeito a este edito” (“Quaestionem intellegere debemus tormenta et corporis dolorem ad eruendam veritatem. Nuda ergo interrogatio vel levis territio non pertinet ad hoc edictum”) (*Dig.* 47.10.15.41). Senão quando indicado, todas as traduções são nossas.

³ Sobre o tema, escreve DuBois (1991, p. 63-64): “A tortura exerce ao menos duas funções no estado ateniense. Como instrumento demarcatório, ela define os limites entre o escravo e o homem livre, entre os corpos intocáveis de cidadãos livres e os corpos de escravos sujeitos à tortura. No entanto, o desejo de explicitar as respectivas categorias de escravo e liberto não é a razão de ser, pelo menos não explícita, da tortura. Ao invés, repetidas vezes, mesmo em face de argumentos desacreditando a evidência obtida por meio dela, os oradores nos tribunais descrevem a *basanos* [*i.e.* a tortura] como sendo uma procura pela verdade” (“Torture performs at least two functions in the Athenian state. As an instrument of demarcation, it delineates the boundary between slave and free, between the untouchable bodies of free citizens and the torturable bodies of slaves. [...] But the desire to clarify the respective status of slave and free is not the motive, never the explicit motive, of torture. Rather, again and again, even in the face of arguments discounting evidence derived from torture, speakers in the courts describe the *basanos* as a search for truth”). Para objeções relativas à suposta eficácia do procedimento, *vide* Arist. *Rh.* 1377a.

⁴ “Primeiramente, definirei o que considero que seja a medicina, a saber, pôr fim à agonia dos doentes ou aliviar a severidade das doenças” (“Καὶ πρῶτον γε διοριεῦμαι ὃ νομίζω ἱητρικὴν εἶναι · τὸ δὴ πάντα ἀπαλλάσσειν τῶν νοσεόντων τοὺς καμάτους καὶ τῶν νοσημάτων τὰς σφοδρότητας ἀμβλύειν [...]”) (*De Arte* 3.2).

dos humores.⁵ No âmbito político-religioso, por sua vez, os infortúnios vivenciados por determinados grupos serão, amiúde, entendidos não apenas como concernentes aos desígnios divinos, mas cujo escrutínio caberá a estratos sociais específicos. No caso da tradição judaico-cristã em especial, a mesma dará origem a um complicador, apresentando a dor como elemento, a um só tempo, punitivo e salvífico.⁶ Enfim, no âmbito ainda teológico, o par sofrimento/bem-aventurança servirá de base a uma cosmologia baseada na retribuição divina e invariavelmente à moral que lhe serve de sustentáculo.

Apontada tal multiplicidade, a antologia ora proposta procurou concentrar-se sobre um aspecto distinto dos expostos acima, embora inevitavelmente associado aos mesmos. Ao tratar das relações entre a punição corporal e a educação,⁷ reuniu-se o maior número possível de fontes primárias acerca do tópico, pertencentes tanto à Antiguidade Clássica e Tardia, quanto à Alta e Baixa Idade Média.⁸ Tendo como ponto de partida o estudo de Parsons (2015), uma série de autores e obras foi acrescida ao levantamento inicial, dentre as quais citam-se as seguintes a título de exemplo: o salmo 110, mais especificamente seu décimo

⁵ Cf. *Nat. Hom.* 4.

⁶ Neste sentido, diz Cohen (2010, p. 6-7): “Do pecado original à Crucificação, e desta ao Apocalipse, a dor se tornara um arauto crucial da mudança das eras: a Queda marcava a vulnerabilidade do incipiente gênero humano à dor; a Crucificação redefinía a dor divina como instrumento da salvação humana. No fim dos tempos, a derradeira divisão da humanidade se daria entre aqueles destinados para sempre ao sofrimento e aqueles destinados à eterna supressão da dor” (“From original sin to Crucifixion, and thence to the Apocalypse, pain was a primary herald of a change from one era to the next: the Fall signaled the incipient human vulnerability to pain; the Crucifixion redefined divine pain as the instrument of human salvation. At the end of time, the ultimate division of humanity would be between those who were destined to suffer forever and those destined to eternal deliverance from pain”).

⁷ Vide Bonner (1977, p. 143-145), Marrou (1964, esp. 240-242) e Orme (2006, p. 144-147). Neste último, chama-se a atenção para os diversos exemplos – pró e contra a prática – listados na página 146.

⁸ Ainda que não o foco do presente trabalho, cabe ressaltar o estudo de Dülmen (1985, p. 170) acerca do papel da violência como “meio pedagógico” (*Erziehungsmittel*) na Modernidade.

versículo, cujo conteúdo é em parte retomado por João de Salisbury (c. 1115 – 1180), em seu *Metalogicon*; o capítulo 9 da obra *De Grammaticis et Rhetoribus* (“Sobre os gramáticos e rétores”), de Suetônio (c. 70 – 130 d.C.), o qual versa sobre o gramático Lúcio Orbílio; o capítulo 24 da *Getica*, escrita pelo também historiador Jordanes (séc. VI), em que se abordam os rudimentos da formação militar dos hunos; o item 33 de um dos capitulares enviados pelo bispo Teodulfo de Orléans (séc. VIII) ao clero de sua diocese; duas passagens das *Memórias*, do abade beneditino Guibert de Nogent (séc. XI), em que trata das punições recebidas durante a infância. No mais, quatro excertos veterotestamentários – todos de *Provérbios* – foram aqui incluídos, haja vista seu amplo diálogo com alguns dos textos arrolados.

Ao término dos trabalhos, caberá, porém, uma ressalva diante dos riscos que tal tipo de abordagem encerra. Ao discorrer sobre tão extenso espectro temporal, poder-se-ia supor um percurso homogêneo da violência ao longo dos séculos. Trata-se, a nosso ver, de um equívoco. O sofrimento físico, a despeito de seu caráter manifestamente sensorial, não é alheio à cultura dos que o experimentam ou promovem. Sua interpretação tampouco é imparcial na Modernidade.⁹ Assim, esperamos que os excertos abaixo ajudem a entrever não tanto suas afinidades quanto suas discrepâncias.

⁹ Talvez um dos empregos mais interessantes da violência seja como indicador da barbárie, ou melhor, da pressuposta cisão entre grupos ditos civilizados e outros que não o seriam. Sobre seu uso moderno, escreve Susan Sontag (2003, p. 88, grifos da autora), em *Regarding the pain of others*: “O *Holocaust Memorial Museum* e o futuro *Armenian Genocide Museum & Memorial* são sobre o que não aconteceu nos EUA. [...]. Ter um museu relatando o enorme crime que foi a escravidão africana nos Estados Unidos da América seria reconhecer que o mal estava *aqui*. Os EUA preferem mostrar o mal que estava *lá* [...]” (“The Holocaust Memorial Museum and the future Armenian Genocide Museum and Memorial are about what didn’t happen in America [...]. To have a museum chronicling the great crime that was African slavery in the United States of America would be to acknowledge that the evil was *here*. America prefer to picture the evil that was *there* [...]). No Brasil, o passado recente também não faz esquecer seus efeitos. A título de exemplo, *vide* a documentação reunida pela Comissão da Verdade de Minas Gerais, principalmente a *carta de Linhares* datada de 19 de dezembro de 1969 e disponível em: <http://www.comissaoдавerdade.mg.gov.br/handle/123456789/380>. Acesso em: 14 maio 2020.

2 Sobre a tradução e notas explicativas

A tradução ora proposta procurou manter os diferentes níveis de elocução das obras selecionadas, a despeito das dificuldades inerentes à reunião de textos tão diversos. No que tange às escolhas lexicais, optou-se pelo emprego do pronome pessoal *tu* nos passos bíblicos – uso cristalizado pela tradição em língua portuguesa – e do pronome *ocê* nos demais casos. De resto, preservou-se, sempre que tal expediente não prejudicou a inteligibilidade dos excertos, o uso de figuras como poliptotos (*uerberibus – uerbera*),¹⁰ antíteses (*silentia – tonas; gaudeat – doleat*),¹¹ repetições (*legibus tuis – legibus tuis – legibus tuis*),¹² paranomásias (*uerberibus-uberibus; ubera-uerbera*)¹³ dentre outras, encontradas ao longo das fontes. Quanto à sintaxe, prezou-se a cadência dos originais, em especial dos períodos compostos por conjunções subordinativas, desde que mantida sua clareza.¹⁴

¹⁰ “*Ao golpear, torna o leite amargo; amamentando, suaviza os golpes*” (“*uerberibus sic asperat ubera, uerbera mollit/ uberibus*”) (Alan.-Ins. *Anticlaud.* ii.401-402).

¹¹ “*O galo ainda não rompeu o silêncio:/ e você já dá furiosos berros*” (“*nondum cristati rupere silentia galli:/ murmure iam saevo verberibusque tonas*”) (Mart. *Epigrammata* ix.68); “*Que fique feliz nas conquistas e triste, nas derrotas*” (“*et vicisse se gaudeat et victam doleat*”) (Hier. *Ep.* cvii.4).

¹² “*No entanto, as Tuas leis, Deus, fazem com que esta restrinja o caudal daquela; as Tuas leis, das fêrulas dos mestres até as provações dos mártires, as Tuas poderosas leis são capazes de combinar benesse e amargor*” (“*Sed illius fluxum haec restringit legibus tuis, deus, legibus tuis a magistrorum ferulis usque ad temptationes martyrum, valentibus legibus tuis miscere salubres amaritudines*”) (August. *Conf.* i.14).

¹³ *Vide* n. 10. Neste caso, procurou-se aludir à figura pela sonoridade do par *amargo-amamentando*.

¹⁴ *e.g.* “*Enfim, é preciso dizer-lhes que, ainda que desejem perdoar com afeto paterno as faltas dos filhos, Deus não as permite sem que haja punição, a não ser que se demonstre a penitência adequada, pois aos filhos é mais fácil suportar qualquer castigo dos pais do que incorrer na ira de Deus*” (“*Nam et hoc dicendum est eis, ut, si illi genitali affectu parcere velint iniuriis filiorum, non has impune dominus sinit, nisi forte digna paenitentia exhibeatur, et quia levius est filiis parentum quaelibet flagella suscipere quam dei iram incurrere*”) (Theodulf. xxxiii).

Para facilitar o cotejo entre o original e sua tradução, dispuseram-se ambos em sequência, indicada, via nota de rodapé, a edição crítica utilizada. Também em destaque foi assinalado o período de vida dos autores, a fim de situar temporalmente o leitor. Em relação às abreviações presentes nas notas explicativas, foram elas extraídas em sua quase totalidade de Hornblower e Spawforth (2012 [1949]), Liddell e Scott (1940) e Blaise (1954). Ao cabo, como critério para a tradução dos nomes próprios, seguiram-se comumente as grafias listadas nas edições brasileiras do *Dicionário analítico do Ocidente medieval* (LE GOFF; SCHMITT, 2017) e do monumental *Literatura europeia e Idade Média latina* (CURTIUS, 1996).

À exceção de poucos excertos, todos os demais foram apresentados e discutidos ao longo da disciplina “Quintiliano e Cícero” (USP – 2019), ministrada pelo Prof. Adriano Scatolin (DLCV – USP), que contou também com a presença do Prof. Marcelo Vieira Fernandes (DLCV – USP). Como não poderia deixar de ser, as traduções que se encontram abaixo são fruto das muitas sugestões dos colegas e docentes que lá estiveram. Não menos importante, nosso agradecimento se estende às amigas Aline Montesine Fávares (DLCV – USP) e Talita Janine Juliani (EFLCH – Unifesp), sempre dispostas a ajudar com suas observações. Agradecemos por fim aos editores Stéphanie Paes e Teodoro Rennó Assunção, bem como ao revisor Marcos Alexandre dos Santos. A todos nossa sincera gratidão.

3 Tradução

Liber Prouerborum 10.1-29.27 (séc. VIII – VII a.C.)
[Livro dos Provérbios]. Bíblia. Vulgata editio.¹⁵

XIII.24. *qui parcit virgae suae odit filium suum qui autem diligit illum instanter erudit.*

XIII.24. Aquele que usa a vergasta com parcimônia, odeia seu filho; aquele que o ama disciplina-o com vigor.

XXII.15. *stultitia conligata est in corde pueri et virga disciplinae fugabit eam.*

XXII.15. A tolice está unida ao coração da criança, mas a vergasta da disciplina a expulsará.

XXIII.13-14. *noli subtrahere a puero disciplinam si enim percusseris eum virga non morietur/ tu virga percuties eum et animam eius de inferno liberabis.*

XXIII.13-14. Não deixes de disciplinar a criança, pois, se a golpeares com a vergasta, ela não morrerá. Golpeando-a com a vergasta, livrarás sua alma do inferno.

XXIX.15. *virga atque correptio tribuet sapientiam puer autem qui dimittitur voluntati suae confundet matrem suam.*

XXIX.15. A vergasta e a reprimenda conferirão sabedoria. Por outro lado, a criança abandonada às suas vontades ultrajará sua mãe.¹⁶

•

¹⁵ Gryson (2008 [1969], p. 969, 977, 983).

¹⁶ No entanto, salienta Fox (2009, p. 839): “Este e o verso 17 clamam pela correção das crianças. A metáfora que subjaz é a dos animais. Alguns são controlados pelo cajado do pastor e protegidos, outros ficam ‘à solta’ (š-l-ḥ) e perdem-se [...]. Agressões, defendidas com frequência em Provérbios [...], são vistas como um meio de controle e não punitivo. Sem controle, acredita-se, a criança se tornará rebelde e trará vergonha a seus pais” (“This verse and v 17 urge discipline of children. The underlying metaphor is of animals. Some are controlled by the shepherd’s rod and protected, others are “let loose” (š-l-ḥ) to go astray [...]. Beatings, often advocated in Proverbs [...], are viewed as means of control rather than punishment. Without control, it is believed, a child will go wild and bring shame on his parents”).

***Liber Psalmorum iuxta LXX [sc. Saltério galicano].*¹⁷**

CX.10. *initium sapientiae timor Domini.*

CX.10. O primeiro passo para a sabedoria é o temor a Deus.

•

**Xenofonte (c. 430 a.C. – post 355 a.C.). Λακεδαιμονίων Πολιτεία
[A Constituição dos espartanos].¹⁸**

Π.1-2. Ἐγὼ μέντοι, ἐπεὶ καὶ περὶ γενέσεως ἐξήγημαι, βούλομαι καὶ τὴν παιδείαν ἐκατέρων σαφηνίσαι. τῶν μὲν τοίνυν ἄλλων Ἑλλήνων οἱ φάσκοντες κάλλιστα τοὺς υἱεῖς παιδεύειν, ἐπειδὴν τάχιστα αὐτοῖς οἱ παῖδες τὰ λεγόμενα ξυνηῶσιν, εὐθὺς μὲν ἐπ’ αὐτοῖς παιδαγωγοὺς θεράποντας ἐφιστᾶσιν, εὐθὺς δὲ πέμπουσιν εἰς διδασκάλων μαθησομένους καὶ γράμματα καὶ μουσικὴν καὶ τὰ ἐν παλαιστρᾷ. πρὸς δὲ τούτοις τῶν παιδῶν πόδας μὲν ὑποδήμασιν ἀπαλύνουσιν, σώματα δὲ ἱματίων μεταβολαῖς διαθρύπτουσιν, σίτου γε μὴν αὐτοῖς γαστέρα μέτρον νομίζουσιν. ὁ δὲ Λυκοῦγος, ἀντὶ μὲν τοῦ ἰδίου ἕκαστον παιδαγωγοὺς δούλους ἐφιστάναι, ἄνδρα ἐπέστησε κρατεῖν αὐτῶν ἐξ ὧν περ αἱ μέγιστα ἀρχαὶ καθίστανται, ὃς δὴ καὶ παιδονόμος καλεῖται, τοῦτον δὲ κύριον ἐποίησε καὶ ἀθροίζειν τοὺς παῖδας, καὶ ἐπισκοποῦντα, εἴ τις ῥαδιουργοίῃ, ἰσχυρῶς κολάζειν. ἔδωκε δ’ αὐτῶ καὶ τῶν ἡβόντων μαστιγοφόρους, ὅπως τιμωροῖεν ὅποτε δέοι, ὥστε πολλὴν μὲν αἰδῶ, πολλὴν δὲ πειθῶ ἐκεῖ συμπαρεῖναι.

Π.1-2. Após discorrer acerca da concepção, desejo revelar a educação [observada] em ambas [*i.e.* Esparta e nas outras cidades gregas]. Afirmando educar os filhos da melhor maneira possível, os demais gregos, assim que suas crianças compreendem o que lhes é dito, designam pedagogos para cuidar delas e as enviam a professores para aprender as primeiras letras, a música e atividades físicas. Além disso, tornam delicadas as solas de seus pés por meio de sandálias, debilitam seus corpos trocando-lhes a roupa, julgam que a medida de seu provimento é a mesma de seus ventres. No entanto, Licurgo, ao invés de deixar que cada um, por si só, designasse professores-escravos, escolheu para comandá-las um homem dentre aqueles a quem eram atribuídas as mais importantes magistraturas. Este homem era designado como seu superior. Ademais, foi-lhe dada autoridade para reunir as crianças e, caso alguma se comportasse mal

¹⁷ Gryson (2008 [1969], p. 914).

¹⁸ Lipka (2002, p. 66).

enquanto [as] vigiava, poderia puni-la severamente. Além disso, [Licurgo] forneceu-lhe jovens com açoites, para que [as] castigassem quando necessário. E assim, havia lá ao mesmo tempo muito respeito e muita obediência.

•

**Quintus Horatius Flaccus [Quinto Horácio Flaco]
(65 – 8 a.C.). *Epistulae* [Epístolas].¹⁹**

II.1.69-71. *Non equidem insector delendave carmina Livi/ esse reor, memini quae plagosum mihi parvo/ Orbilium dictare.*

II.1.69-71. De modo algum censuro ou penso que os versos de Lívio [Andrónico]²⁰ devam ser destruídos, os quais, lembro-me, Orbílio²¹ o Carrasco²² ditava-me quando criança.

•

**Marcus Fabius Quintilianus [Marco Fábio Quintiliano]
(c. 35 – c. 96 d.C.). *Institutio oratoria* [A educação do orador].²³**

I.3.14-17. *Caedi vero discentis, quamlibet et receptum sit et Chrysippus non improbet, minime velim, primum quia deforme atque servile est et certe (quod convenit, si aetatem mutes) iniuria: deinde quod, si cui tam est mens inliberalis, ut obiurgatione non corrigatur, is etiam ad plagas ut pessima quaeque mancipia durabitur: postremo quod ne opus erit quidem hac castigatione, si adsiduus studiorum exactor adstiterit. Nunc fere neglegentia paedagogorum sic emendari videtur, ut pueri non facere quae recta sunt cogantur, sed cur non fecerint puniantur. Denique cum parvolum verberibus coegeris, quid iuveni facias, cui nec adhiberi potest hic metus et maiora discenda sunt? Adde quod multa vapulantibus dictu deformia et mox verecundiae futura saepe dolore vel metu*

¹⁹ Shackleton Bailey (2008, p. 294).

²⁰ Ou seja, o poeta de provável ascendência grega, cuja obra compreendia tragédias, comédias, além de uma tradução latina da *Odisseia*, de Homero. Morrera por volta de 200 a.C.

²¹ Lúcio Orbílio Pupilo (c. 112 – ?). Originário de Benevento, tornou-se proverbial sua severidade como gramático.

²² No original, *plagosum*, ou seja, “aquele a quem apraz bater, golpear”.

²³ Pennacini (2001, p. 46).

acciderunt, qui pudor frangit animum et abicit atque ipsius lucis fugam et taedium dictat. Iam si minor in eligendis custodum et praeceptorum moribus fuit cura, pudet dicere in quae probra nefandi homines isto caedendi iure abutantur, quam det aliis quoque nonnunquam occasionem hic miserorum metus. Non morabor in parte hac: nimium est quod intellegitur. Quare hoc dixisse satis est: in aetatem infirmam et iniuriae obnoxiam nemini debet nimium licere.

I.3.14-17. Por mais que [tal conduta] seja aceita e Crisipo²⁴ não a condene, não gostaria de modo algum que os pupilos fossem agredidos fisicamente, primeiro porque é [uma prática] torpe e própria aos escravos, além de sem dúvida injuriosa: algo que é ponto pacífico, caso a idade [do indivíduo] seja outra; em segundo lugar, porque, se a índole de alguém é tão vil, a ponto de não poder ser corrigida por reprimendas, este mesmo indivíduo se tornará insensível aos golpes, assim como os piores escravos; enfim, porque não será necessário este castigo, caso o preceptor o acompanhe com regularidade. Como que pela negligência dos preceptores, parece que a punição se dá de tal maneira hoje, que as crianças não são obrigadas a fazer o que é certo, mas são punidas por não o ter feito. Embora uma criança seja constrangida com açoites, o que se pode fazer ao jovem adulto, não mais sujeitável a tal afronta e que deve instruir-se acerca de questões mais importantes? Acrescente-se a isso que, com frequência, por dor ou medo, muitas coisas – abjetas para dizer – lhes sobrevieram e sem demora seriam [motivo] de infâmia, uma vergonha que os desencoraja, degrada, ensina a furtar-se à vida desgostosos. Enfim, se houve pouco cuidado na escolha dos tutores e preceptores quanto à sua conduta, envergonha-me relatar as torpezas de que homens abomináveis lançam mão com tal direito de castigá-los, ou ainda, por vezes, o ensejo dado pelo medo destas desafortunadas [crianças] a outros [deste tipo]. [Mas] não me deterei neste tópico. É mais que o suficiente o que se pode inferir [disso]. Basta quanto ficou dito: a ninguém devem ser permitidos excessos contra tal idade tenra e sujeita a maus-tratos.

•

²⁴ Crisipo de Solos (Χρῦσιππος ὁ Σολεὺς) (c. 280 – 207 a.C.), filósofo estoico e dirigente desta mesma escola após a morte de Cleantes. Embora Diógenes Laércio atribua a ele mais de 705 livros, nenhum nos restou: “Foi o mais dedicado de todos em sua atividade, como evidenciam seus escritos, que eram mais de 705” (“Πονικώτατος τε παρ’ ὄντινων γέγονεν, ὡς δῆλον ἐκ τῶν συγγραμμάτων αὐτοῦ · ἃ τὸν ἀριθμὸν γὰρ ὑπὲρ πέντε καὶ ἑπτακόσια ἔστιν.”) (7.180).

**Marcus Valerius Martialis [Marco Valério Marcial] (c. 38 – c. 101 d.C.).
Epigrammaton libri XII [Os doze livros de epigramas].²⁵**

IX.68. *Quid tibi nobiscum est, ludi scelerate magister,/ invisum pueris virginibusque caput?/ nondum cristati rupere silentia galli:/ murmure iam saevo verberibusque tonas./ [...]/ mitior in magno clamor furit Amphitheatro,/ vincenti parmae cum sua turba favet./ vicini somnum – non tota nocte – rogamus:/ nam vigilare leve est, pervigilare grave est./ discipulos dimitte tuos. vis, garrule, quantum/ accipis ut clames, accipere ut taceas?*

IX.68. O que você tem contra mim, infame mestre-escola,/ figura odiada por meninos e meninas?²⁶ O galo ainda não rompeu o silêncio:/ e você já dá furiosos berros e pancadas!/ [...] Menor é o barulho no Coliseu,²⁷ quando a torcida vê vencer o gladiador azarão!²⁸ Os seus vizinhos imploram para dormir – e nem por toda a noite! –/ Ora, ficar acordado tudo bem, mas ficar acordado a noite inteira é demais!/ Dispense os seus alunos! Sua gralha, o quanto você recebe para gritar é o bastante para calar a boca?

•

²⁵ Shackleton Bailey (1993, p. 292).

²⁶ Vide também Mart. *Epigrammata* 5.84.2 e 8.3.15.

²⁷ Literalmente, “no grande anfiteatro” (*in magno Amphitheatro*).

²⁸ No original, *parmae*, isto é, um dos tipos de escudo usados por gladiadores. Escreve Henriksén (1999, p. 78), em seu comentário ao livro IX: “Metonímia para o gladiador dito ‘trácio’, armado com um escudo pequeno e circular cujo nome era *parma*. [...]. Seus oponentes eram geralmente os *scutarii* (armados com o oblongo *scutum*), os quais, segundo Marcial, saíam vencedores na maioria dos embates. [...]. Consequentemente, os gritos de aprovação dos *parmularii*, os torcedores dos trácios, eram maiores ainda quando estes venciam” (“metonymy for the ‘Thracian’ gladiator, armed with the small, round shield called *parma*. [...]. These gladiators were generally matched against the *scutarii* (armed with the oblong *scutum*), who, according to Martial, mostly came out on top. [...]. Consequently, the shouts of approval of the *parmularii*, the supporters of the Thracians, were all the louder when they did win”).

**Gaius Suetonius Tranquillus [Caio Suetônio Tranquilo]
(c. 70 d.C. – c. 130 d.C.). *De Grammaticis et Rhetoribus*
[*Sobre os gramáticos e rétores*].²⁹**

IX.4. *Fuit autem naturae acerbae, non modo in antisophistas quos omni occasione laceravit, sed etiam in discipulos, ut et Horatius significat plagosum eum appellans, et Domitius Marsus, scribens: Si quos Orbilius ferula scuticaque cecidit.*

IX.4. Era severo por natureza não apenas com seus oponentes, que difamava em qualquer ocasião, mas também com seus alunos, assim como dão a entender Horácio,³⁰ ao chamá-lo de Carrasco, e Domício Marso,³¹ quando escreve: “Quem porventura Orbílio golpeou com a fêrula e o açoite [*scutica*]?”.

•

Decimus Iunius Iuvenalis [Décimo Júnio Juvenal] (c. 55-60 – c. 130 d.C.). *Satura I [Sátira I]*.³²

I.15. *et nos ergo manum ferulae subduximus [...]*.

I.15. [...] nossa mão também escapou da fêrula [...].

•

**Apuleius Madaurensis [Apuleio de Madaura]
(c. 125 – post 170 d.C.). *Florida*.³³**

XII. *Psittacus avis Indiae avis est; instar illi minimo minus quam columbarum, sed color non columbarum; [...] cum sermonem nostrum cogitur aemulari, ferrea clauicula caput tunditur, imperium magistri ut persentiscat; haec discenti ferula est.*

²⁹ Kaster (1995, p. 12).

³⁰ Cf. Hor. *Epist.* ii.1.69-71, acima traduzido.

³¹ Poeta da época de Augusto. Além de epigramas satíricos, compusera o poema épico *Amazonis*. De sua obra restaram-nos sobretudo fragmentos.

³² Clausen (1959, p. 37).

³³ Lee (2005, p. 45).

XII. O papagaio é uma ave indiana, pouco menor que as pombas, porém de cor diversa: [...]. Quando é forçado a imitar nossa fala, sua cabeça é golpeada com um pequeno pedaço de ferro, para que observe atentamente a ordem do mestre: é como a fêrula ao estudante.³⁴

•

**Aurelius Augustinus [sc. Agostinho de Hipona] (354 – 430).
*Confessionum libri tredecim [Os treze livros das confissões].*³⁵**

I.9. *Inde in scholam datus sum ut discerem litteras, in quibus quid utilitatis esset ignorabam miser. Et tamen, si segnīs in discendo essem, vapulabam. Laudabatur enim hoc a maioribus, [...]. Non enim aut minus ea [tormenta] metuebamus aut minus te de his euadendis deprecabamur [...].*

I.9. Fui então colocado na escola para aprender as primeiras letras, ignorando – pobre de mim – que proveito haveria nisso. E assim, se demorasse a aprender, apanhava. É que tal prática era louvada pelos mais velhos [...]. Ora, não menos temíamos esses tormentos ou implorávamos a Ti que escapássemos deles [...].

I.12. [...] *non amabam litteras et me in eas urgeri oderam, et urgebar tamen et bene mihi fiebat. Nec faciebam ego bene (non enim discerem, nisi cogerer [...]), nec qui me urgebant bene faciebant, sed bene mihi fiebat abs te, deus meus.*

I.12. [...] não gostava das letras e odiava ser forçado a [aprendê-las]. Mesmo assim era obrigado, o que era bom para mim. Eu não me comportava bem (não aprenderia, pois, senão à força [...]), tampouco se comportavam bem os que me forçavam; o bem, contudo, vinha de Ti, Meu Deus.

I.14. *Hinc satis elucet maiorem habere vim ad discenda ista liberam curiositatem quam meticulosam necessitatem. Sed illius fluxum haec restringit legibus tuis, deus, legibus tuis a magistrorum ferulis usque ad temptationes martyrum, valentibus legibus tuis miscere salubres amaritudines [...].*

I.14. Disso, torna-se bastante claro que mais eficaz para o aprendizado é a curiosidade irrestrita do que a imposição amedrontadora. No entanto, as Tuas leis, Deus, fazem com que esta restrinja o caudal daquela; as Tuas leis, das

³⁴ Cf. Plin. *HN* 10.58.

³⁵ O'Donnell (1992, p. 8, 10, 12).

férulas dos mestres até as provações dos mártires, as Tuas poderosas leis são capazes de combinar benesse e amargor [...].³⁶

•

Eusebius Hieronymus [sc. São Jerônimo] (c. 345 – 420). *Ad Laetam de Institutione Filiae [A Leda. Sobre a educação de sua filha]*.³⁷

CVII.4. *Non est obiurganda, si tardior sit, sed laudibus excitandum ingenium; et vicisse se gaudeat et victam doleat. Cavendum in primis, ne oderit studia, ne amaritudo eorum percepta in infantia ultra rudes annos transeat.*

CVII.4. Caso seja mais lenta [sc. que as demais crianças], não deve ser repreendida, mas ter suas habilidades estimuladas por meio de elogios. Que fique feliz nas conquistas e triste nas derrotas. Acima de tudo é preciso tomar cuidado para que não odeie os estudos, para que as agruras vivenciadas na infância não extrapolem os tenros anos.

•

Benedictus Nursinus [São Bento de Núrsia] (c. 480 – c. 550). *Benedicti regula. 30. De pueris minori aetate, qualiter corripiantur [A Regra de São Bento. 30. Como os meninos mais jovens devem ser repreendidos]*.³⁸

XXX. *Omnis aetas uel intellectus proprias debet habere mensuras. Ideoque, quotiens pueri uel adulescentiores aetate, aut qui minus intellegere possunt quanta poena sit excommunicationis, hii tales dum delinquent, aut ieiuniis nimiis affligantur aut acris uerberibus coerceantur; ut sanentur.*

XXX. Cada idade ou tipo de intelecto deve ter preceitos próprios. Assim, sempre que os meninos, os adolescentes ou aqueles que não estão aptos a compreender quão séria é a pena de excomunhão cometerem uma falta, devem ser mortificados com rigorosos jejuns ou punidos com severos golpes, para que sejam curados.

•

³⁶ Cf. também i.10, i.16 e i.19.

³⁷ Wright (1933, p. 346).

³⁸ Vogüé (1972, p. 554).

**Iordanes [Jordanes] (fl. 550). *De origine actibusque Getarum*
[*Sobre a origem e os feitos dos Getas; sc. Getica*].³⁹**

XXIV.127 *quorum animi fiducia[m] turvus⁴⁰ prodet⁴¹ aspectus, qui etiam in pignora sua primo die nata desaeviunt. Nam maribus ferro genas secant, ut ante quam lactis nutrimenta percipiant, vulneris cogantur subire tolerantiam.*

XXIV.127 Seu aspecto feroz revela o destemor dos hunos, que são cruéis até mesmo com suas crianças já no dia do nascimento. Com uma espada, cortam as bochechas dos meninos, para que, antes mesmo de provarem do leite, sejam forçados a suportar a dor.

•

**Isidorus Hispalensis [Isidoro de Sevilha] (c. 560 – 636). *Etymologiae*
[*Etimologias*].⁴²**

V.27.15. *Anguilla est qua coercentur in scholis pueri, quae vulgo scotica dicitur.*

V.27.15. A *enguia*⁴³ é o instrumento usado para punir os meninos na escola, o qual é chamado comumente de *scutica*.

•

Baeda Venerabilis [O Venerável Beda] (c. 673 – 735). *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum. 5.2. Ut episcopus Iohannes mutum benedicendo curauerit* [História eclesiástica do povo inglês. 5.2. Como o bispo João curou um mudo através de uma benção].⁴⁴

V.2. *Erat autem in uilla non longe posita quidam adulescens mutus, episcopo notus, nam saepius ante illum percipiendae elemosynae gratia uenire consueuerat, qui ne unum quidem sermonem umquam profari poterat; [...] Hunc ergo adduci praecipit episcopus, et ei in conseptis eiusdem mansionis paruum tugurium fieri, in quo manens cotidianam ab eis stipem acciperet. Cumque una quadragesimae*

³⁹ Mommsen (1882, p. 91).

⁴⁰ Adotou-se aqui a lição *torvus*, de Mommsen (1882, p. 91).

⁴¹ *prodit* (MOMMSEN, 1882, p. 91).

⁴² Lindsay (1911, p. 1183).

⁴³ *i.e.* o açoite feito com a pele do animal.

⁴⁴ Plummer (1896, p. 283-284).

esset impleta septimana, sequente dominica iussit ad se intrare pauperem, ingresso linguam proferre ex ore, ac sibi ostendere iussit; et adprehendens eum de mento, signum sanctae crucis linguae eius inpressit, quam signatam reuocare in os, et loqui illum praecepit: “Dicito,” inquit, “aliquod uerbum, dicito gae,” quod est lingua Anglorum uerbum adfirmandi et consentiendi, id est, etiam. Dixit ille statim, soluto uinculo linguae, quod iussus erat.

V.2. Havia numa vila não muito longe um jovem mudo. Era conhecido do bispo, pois com frequência o procurava para receber esmolas. Este jovem nunca conseguira proferir uma única palavra. [...] O bispo deu ordens para que o rapaz fosse trazido e que lhe construíssem nos domínios da morada uma pequena cabana, onde permaneceria, recebendo os donativos diários do entorno. E assim, no domingo seguinte à primeira semana da Quaresma, o bispo ordenou que o pobre [rapaz] o visitasse e que, ao fazê-lo, colocasse a língua para fora, mostrando-lhe a mesma. O bispo segurou-o então pelo queixo e imprimiu o sinal da cruz sobre a língua do jovem. Após benzê-la, ordenou que o rapaz a guardasse e que começasse a falar. Dizia: “Diga algo! Diga gae!”, palavra que na língua dos ingleses é usada para confirmar ou assentir, isto é, um *sim*. E imediatamente o jovem disse o que havia sido ordenado, desimpedida sua língua.

•

Theodulfus Aurelianensis [Teodulfo de Orléans] (c. 750 – 821).

Theodulfus fratribus et compresbyteris nostris Aurelianensis parrochiae sacerdotibus in domino salutem [Teodulfo saúda no Senhor os irmãos e colegas presbíteros, sacerdotes da paróquia de Orléans].⁴⁵

XXXIII. *Admonendi sunt fideles sanctae dei ecclesiae, ut filios suos et filias suas doceant parentibus oboedientiam exhibere dicente domino: Fili, honorifica patrem tuum. Nam et ipsi parentes erga filios suos ac filias modeste debent agere dicente apostolo: Et vos, parentes, nolite ad iracundiam provocare filios vestros. Nam et hoc dicendum est eis, ut, si illi genitali affectu parcere velint iniuriis filiorum, non has impune dominus sinit, nisi forte digna paenitentia exhibeatur, et quia leuius est filiis parentum quaelibet flagella suscipere quam dei iram incurrere.*

⁴⁵ Brommer (1984, p. 131).

XXXIII. Os fiéis da Santa Igreja de Deus devem ser admoestados a ensinar seus filhos e filhas a serem obedientes aos pais, assim como diz o Senhor: “Filho, honra a teu pai” [Sir. 7.29; Eph. 6.1-2]. Além disso, os pais devem agir com moderação no que tange aos filhos e filhas, assim como diz o apóstolo: “E vós, pais, não inciteis vossos filhos à ira” [Eph. 6.4].⁴⁶ Enfim, é preciso dizer-lhes que, ainda que desejem perdoar com afeto paterno as faltas dos filhos, Deus não as permite sem que haja punição, a não ser que se demonstre a penitência adequada, pois aos filhos é mais fácil suportar qualquer castigo dos pais do que incorrer na ira de Deus.

•

Guibertus de Nogento [Guibert de Nogent] (c. †1124).

*De uita sua [Sobre sua vida].*⁴⁷

I.5-6. *Erat igitur homini illi penes me saevus amor, nam⁴⁸ nimietas severitatis in injusto videbatur verbere; eminebat tamen totius diligentia observationis in opere. Minus plane digne vapulabam, quia si ipse haberet quam profitebatur docendi peritiam, eorum profecto, quae recte dixisset, optime pro puero capax eram. [...] Soluta igitur vespertinis quibusdam horis qualicumque illo studio, ad materna genua graviter etiam praeter meritum caesus accesseram. Quae cum an eo vapulasset die, ut erat solita, rogitare coepisset, et ego, ne magistrum detulisse viderer, factum omnino negarem, ipsa, vellem nollem, rejecta interula, [...], liventes attendit ulnulas dorsiculi ex viminum illusione cutem ubique prominulam, cumque meae teneritudini ad nimium saeve illatam⁴⁹ visceraliter doluisset, turbulenta et aestuans, et oculos maerore suffusa: “Nunquam, ait, deinceps clericus fies, nec ut literas discas ulterius poenas lues.” Ad haec ego eam cum qua poteram animadversione respiciens: “Si, inquam, proinde mori contingeret, non desistam quin literas discam, et clericus fiam”.*

I.5-6. Aquele homem [sc. o mestre de Guibert] tinha para comigo um amor impiedoso, pois sua desmesurada violência era perceptível em seus injustos golpes. No entanto, seu zelo e profunda atenção destacavam-se em seus atos. Obviamente, eu apanhava sem merecê-lo, pois se meu mestre tivesse a

⁴⁶ Tradução de Almeida (2017, p. 1286), com modificação.

⁴⁷ Bourgin (1907, p. 16, 18).

⁴⁸ Adotou-se a lição de Bourgin (1907, p. 16, n. a).

⁴⁹ Bourgin (1907, p. 18, n. c.).

capacidade de ensinar que ostentava, decerto eu seria capaz, criança que era, de guardar por completo o que⁵⁰ ele tivesse exposto corretamente. [...] Vendo-me livre daquela espécie de *estudo* por algumas horas da tarde, coloquei-me aos joelhos de minha mãe, após uma injusta surra. Quando começou, como de costume, a questionar-me se eu havia apanhado naquele dia e eu o negava peremptoriamente para que não parecesse denunciar meu mestre, minha mãe arrancou-me a vestimenta quisesse eu ou não [...] e viu meu exíguo dorso,⁵¹ roxo das vergastadas, [e] minha pele, completamente inchada. Lamentando-se profundamente que à minha tenra idade tivesse sido imposta tamanha violência, ela ficou transtornada e aturvida; derramava lágrimas de lamento, enquanto dizia: “Depois disso, você nunca se tornará um clérigo, nem sofrerá mais para aprender as primeiras letras!”. Censurando-a com o olhar o quanto podia, respondi: “Mesmo que eu morra, não vou desistir de aprender e me tornar um clérigo”.

•

Guillelmus de Conchis [William de Conches] (c. 1080 – c. 1154).

***Glosae in Iuuenalis Satiras [Glosas às Sátiras de Juvenal].*⁵²**

Magistri ergo, considerantes tarditatem ingenii ex sanguine circa cor congelato procedere, pueros in sinistra manu, que magis pro<p>inque est cordi, cum instrumento de huius modi arbore facto, percutiebant. Et ita sanguis in manu commotus alium impellebat et ille alium, et ita donec calefieret sanguis ille qui circa cor congelatus erat, et sic excitaretur ingenium.

Os mestres, ao considerar que a lentidão de raciocínio advém do sangue *congelado* ao redor do coração, batiam com o instrumento feito desse tipo de árvore na mão esquerda dos meninos, que está mais próxima do coração. E assim, o sangue agitado na mão impele a área seguinte e esta a próxima, até que o sangue *congelado* ao redor do coração se aqueça e o intelecto seja estimulado.⁵³

⁵⁰ Ou seja, em nossa leitura, *eorum capax*.

⁵¹ *ulnulas*. Segundo Beeson (1925, p. 229, n. 7), “pequenas costelas”. A acepção de Blaise (1954, s.v. *ulna*) não foi adotada haja vista o especificador *dorsiculi*.

⁵² Wilson (1980, p. 102).

⁵³ Lê-se em comentário de Sêrvio (séc. IV d.C.) às *Geórgicas*: “[Se] o sangue gélido à volta de meu coração tiver impedido’, [isso se dá] segundo os médicos, que dizem que os homens de sangue mais frio são estúpidos e os de sangue quente sábios. Daí que os velhos, nos quais o sangue já se encontra frio, e as crianças, nos quais ainda não está quente, sabem menos” (“[Sin] frigidus obstiterit circum praecordia sanguis secundum

•

**Ioannis Saresberiensis [João de Salisbury] (c. 1115 – 1180).
Metalogicon. 4.19. Quid sapientia, et quod ipsa de sensu per gratiam
[*Metalogicon. 4.19. O que é a sabedoria e sua origem sensorial*
por meio da graça].⁵⁴**

IV.19. [...] *timor ipse, qui est initium sapientie, de sensu uel imaginatione pene contingit. Qui, cum sollicitetur, ne uapulet, punientis habens memoriam, ipsius declinat offensam; premiorum quoque sensu uel imaginatione ad obsequium punire et beare potentis incitatur.*

IV.19. [...] O temor, que é o primeiro passo para a sabedoria,⁵⁵ surge quando sentimos ou imaginamos o sofrimento. Ao desgarrar-se, aquele que se lembra de quem pune evita a ofensa, para não ser castigado. Além disso, é estimulado pela sensação e pela imagem mental das recompensas a obedecer aquele que tem o poder de punir e comprazer.

•

**Boncompagnus de Signa [Boncompagno da Signa] (c. 1170 – post 1240).
Rhetorica nouissima. 8. De memoria. 1.22. Quod offensiones et casus
inopinati ferventius inherent memorie [A novíssima Retórica. 8. Sobre
a memória. 1.22. Os infortúnios e os fatos inesperados fixam-se mais
intensamente na memória].⁵⁶**

VIII.1.22. *Generale procul dubio esse videtur, quod ille, qui offenditur, si ad annos discretionis pervenit, non obliviscitur offensorum, quousque sumat, si poterit, de offensoribus ultionem. Si autem ille idem ab aliquibus receperit servitia et honores, patitur incontinenti⁵⁷ lethargum, sicut videre possumus in promotis. Videmus nempe multos, qui per amicorum suffragia fuerunt ad maximas dignitates promoti, sed ipsi postmodum novos acquirentes amicos,*

physicos, qui dicunt stultos esse homines frigidioris sanguinis, prudentes calidi. Unde et senes, in quibus iam friget, et pueri, in quibus necdum calet, minus sapiunt”) (*Comm. in Verg. Georg. II.484*).

⁵⁴ Webb (1929, p. 185).

⁵⁵ Cf. *Ps.* 110.10, acima traduzido.

⁵⁶ Gaudenzi (1892, p. 249-297).

⁵⁷ *i.e. in continenti.*

promotores suos oblivioni penitus mandaverunt./ Idem evenit de obsequiis, que conferuntur pueris et captivis. Si autem quadraginta scolares acquisieris alicui magistro et unum sibi aliquando abstuleris, non recordabitur quadraginta sed unius. Si refoveris aliquem centies, et semel omiseris, ultimi recordabitur et non primi. Si millesies commendaveris aliquem, et sem[el] ei detraxeris, obliviscetur laudum et detractiois memor existet. Locus enim, in quo cadit aliquis vel offenditur, memorie commendatur, sed illius loci facile obliviscitur, in quo recepit servitia et honore. Si multos curaverit medicus et unum leserit, de leso cadet in fabulam populorum. Femine quidem illorum, qui eas verberant et contumeliis afficiunt memorantur et obliviscuntur ipsorum, qui eas diligunt et honorant. Predicta namque solent frequentius evenire, quia magis sunt proni hominum sensus ad malum quam ad bonum.

VIII.1.22. Em geral não parece haver dúvida de que o indivíduo ultrajado, caso tenha atingido a idade do discernimento, não se esquecerá das ofensas [sofridas], até que consiga, se puder, vingar-se dos agressores. Por outro lado, se o mesmo indivíduo obtiver mercês e honrarias, imediatamente se tornará apático, assim como podemos notar no caso daqueles que são promovidos. Ora, vemos muitos homens que, por meio da ajuda de amigos, foram levados aos mais altos postos. No entanto, logo que fazem novas amizades, esquecem-se totalmente de seus benfeitores./ E o mesmo ocorre quando se demonstra complacência para com as crianças e pessoas vis. Ademais, se alguém granjear quarenta discípulos a um mestre e tomar-lhe em algum momento apenas um, o mestre não se lembrará dos quarenta, mas daquele único discípulo [que perdera]. Se alguém reconfortar outrem cem vezes e for omissos uma única, este se lembrará do último episódio e não dos demais. Se alguém enaltecer mil vezes um indivíduo e uma só vez o censurar, o louvor cairá no esquecimento e a lembrança da censura tomará forma. Ora, o instante em que alguém tomba ou se vê ultrajado é confiado à memória, ao passo que é esquecido facilmente o momento em que são recebidas mercês e honra. Se um médico curar muitas pessoas e fizer mal a apenas uma, será esta que cairá na boca do povo. As mulheres gravam na memória seus agressores e detratores; esquecem-se dos que as amam e honram. Decerto o que foi dito costuma ocorrer com muitíssima frequência, pois a percepção dos homens está mais inclinada ao mal do que ao bem.

Alanus de Insulis [Alain de Lille] (†1203). *Anticlaudianus siue De officio iuri boni et perfecti libri nouem [Anticlaudio ou Os nove livros acerca do dever do homem bom e perfeito]*.⁵⁸

II.399-403. *Asperat illa manum scutica qua punit abusus/ Quos de more suo puerilis combibit etas./ Verberibus sic asperat ubera, uerbera mollit/ Vberibus. Facto pater est et mater eodem/ Verbere compensat patrem, gerit ubere matrem.*

II.399-403. Ela [*i.e.* a Gramática] faz pesar sua mão⁵⁹ com o açoite, punidor dos abusos de que a infância se impregna à sua maneira. Ao golpear, torna o leite amargo; amamentando, suaviza os golpes. A um só tempo, faz as vezes de pai e mãe. Ao dar o golpe, age como pai; ao oferecer o peito, como mãe.

Referências

Fontes primárias

ALMEIDA, J. F. de (trad.). *Bíblia Sagrada*. Nova Almeida Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017 [1959].

BEESON, C. H. CVIII. A Medieval Orbilius. In: BEESON, C. H. *A Primer of Medieval Latin*. Chicago: Scott, Foresman and Company, 1925. p. 229.

BOSSUAT, R. (ed.). *Anticlaudianus*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1955.

BOURGIN, G. (ed.). *Histoire de sa vie (1053 – 1124)*. Paris: Librairie Alphonse Picard et Fils, 1907.

BROMMER, P. (ed.). *Capitula episcoporum*. Pars I. MGH Leges. Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1984.

CLAUSEN, W. V. Saturae I. In: CLAUSEN, W. V. (ed.). *A. Persi Flacci et D. Iuni Iuuenalis Saturae*. Oxonii: E Typographeo Clarendoniano, 1959. p. 37-43.

⁵⁸ Bossuat (1955, p. 84).

⁵⁹ *i.e.* da própria Gramática, conforme o original latino explicita na sequência: “officio scalpri seruit manus altera, [...]” (2.404).

FOX, Michael V. (trad.). *Proverbs 10-31*. A New Translation with Introduction and Commentary. New Haven: Yale University Press, 2009. (The Anchor Yale Bible Commentaries).

GAUDENZI, A. (ed.). Rhetorica nouissima. In: GAUDENZI, A. (ed.). *Bibliotheca iuridica Medii Aevi*. Bononiae, 1892. p. 249-297, v. 2.

GRYSON, R. (ed.). *Biblia Sacra Vulgata*. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2008 [1969].

JONES, W. H. S. (trad.). Nature of man. In: JONES, W. H. S. (trad.). *Hippocrates*. London: William Heinemann Ltd., 1959. v. IV.

KASTER, R. A. (ed.). Orbilius Pupillus. In: KASTER, R. A. (ed.). *De Grammaticis et Rhetoribus*. Oxford: Clarendon Press, 1995. p. 12-15.

LEE, B. T. (ed.). Fragmentum XII. In: LEE, B. T. (ed.). *Apuleius' Florida*. A commentary. Berlin: De Gruyter, 2005. p. 45. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110894059>.

LEJEUNE, F. (trad.). *Jean de Salisbury*. Metalogicon. Québec: Vrin, 2009.

LINDSAY, W. M. (ed.). De criminibus in lege conscriptis. In: LINDSAY, W. M. (ed.). *Isidori Hispalensis Episcopi Etymologiarum siue Originum Libri XII*. Oxonii: E Typographeo Clarendoniano, 1911. t. I.

LIPKA, M. (ed.). *Xenophon's Spartan Constitution*. Introduction. Text. Commentary. Berlin: De Gruyter, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110887242>.

MANN, J. E. (ed.). *Hippocrates*. On the Art of Medicine. Leiden: Brill, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1163/9789004224292>.

MARCOVICH, M. (ed.). ΧΡΥΣΙΠΠΙΟΣ. In: MARCOVICH, M. (ed.). *Diogenis Laertii Vitae Philosophorum. Vol. I. Libri I-X*. Berlin: De Gruyter, 2008. p. 553-572.

MOMMSEN, T. (ed.). Digesta. In: MOMMSEN, T. (ed.). *Corpus Iuris Civilis*. Berolini: Apud Weidmannos, 1889. p. 783, v. I.

MOMMSEN, T. *Iordanis Romana et Getica*. MGH AA. Berolini: Apud Weidmannos, 1882.

O'DONNELL, J. J. (ed.). *Augustine Confessions*. Introduction and Text. New York: Clarendon Press, 1992.

- PENNACINI, A. (ed.). *Institutio oratoria*. Torino: Einaudi, 2001.
- PLUMMER, C. (ed.). Ut episcopus Iohannes mutum benedicendo curauerit. In: PLUMMER, C. (ed.). *Venerabilis Baedae Opera Historica*. Tomus Prior. Oxonii: E Typographeo Clarendoniano, 1896. p. 282-284.
- SHACKLETON BAILEY, D. R. (ed.). Epistularum Liber Secundus 1. In: SHACKLETON BAILEY, D. R. (ed.). *Q. Horatius Flaccus*. Opera. Berlin: De Gruyter, 2008. p. 291-301.
- SHACKLETON BAILEY, D. R. (ed.). Liber IX. In: SHACKLETON BAILEY, D. R. (ed.). *Martial. Epigrams*. Cambridge: Harvard University Press, 1993. p. 292-293, v. II.
- THILO, G. (ed.). *Seruii Grammatici qui feruntur in Vergilii Bucolica et Georgica Commentarii*. Lipsiae: In Aedibus B. G. Teubneri, 1887.
- VOGÜÉ, A. de. (trad.). *La Règle de Saint Benoît*. II. Ch. VIII-LXXIII. Paris: Les Éditions du Cerf, 1972.
- WEBB, C. C. I. (ed.). *Metalogicon Libri III*. Oxonii: E Typographeo Clarendoniano, 1929. p. 185.
- WILSON, B. (ed.). Wilelmi de Conchis Glosae in Iuvenalis satiras. In: WILSON, B. (ed.). *Glosae in Iuvenalem*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1980. p. 102.
- WRIGHT, F. A. (trad.). Ad Laetam de Institutione Filiae. In: WRIGHT, F. A. (trad.). *Select Letters of St. Jerome*. London: William Heinemann Ltd., 1933. p. 338-370.

Estudos modernos e obras de referência

- BLAISE, A. *Dictionnaire Latin-Français des Auteurs Chrétiens*. Turnholt: Brepols, 1954.
- BONNER, S. F. *Education in Ancient Rome: From the Elder Cato to the younger Pliny*. Berkeley: University of California Press, 1977.
- CARRUTHERS, M.; ZIOLKOWSKI, J. M. (ed.). *The Medieval Craft of Memory*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2002.
- CARTAS de Linhares – COLINA. *Comissão da Verdade em Minas Gerais*, Belo Horizonte, [20--]. Cópia de uma das Cartas de Linhares

datada em 19 de dezembro de 1969, assinada pelos integrantes do Colina. Disponível em: <http://www.comissaodaverdade.mg.gov.br/handle/123456789/380>. Acesso em: 14 maio 2020.

COHEN, E. *The Modulated Scream. Pain in Late Medieval Culture*. Chicago: University of Chicago Press, 2010. DOI: <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226112695.001.0001>.

CURTIUS, E. R. *Literatura Europeia e Idade Média latina*. Tradução de Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: Hucitec, 1996.

DUBOIS, P. *Torture and Truth*. New York: Routledge, 1991.

DÜLMEN, R. van. *Theater des Schreckens. Gerichtspraxis und Strafrituale in der frühen Neuzeit*. München: Beck, 1985.

ENDERS, J. Pedagogy, Spectacle, and Mnemonic Agon. In: ENDERS, J. *The Medieval Theater of Cruelty: Rhetoric, Memory, Violence*. Ithaca: Cornell University Press, 1999. p. 129-152.

GARVER, V. L. The Influence of Monastic Ideals upon Carolingian Conceptions of Childhood. In: CLASSEN, A. (ed.). *Childhood in the Middle Ages and the Renaissance*. Berlin: De Gruyter, 2005. p. 67-86. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110895445.67>.

HENRIKSÉN, C. *Martial, Book IX. A Commentary*. Uppsala: Studia Latina Upsaliensia, 1999. v. II.

HORNBLOWER, S.; SPAWFORTH, A. *The Oxford Classical Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 2012 [1949]. DOI <https://doi.org/10.1093/acref/9780199545568.001.0001>.

LE GOFF, J.; SCHMITT, J.-C. *Dicionário analítico do Ocidente medieval*. Coordenação de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Unesp, 2017.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1940.

MARROU, H.-I. *Histoire de l'éducation dans l'Antiquité*. Paris: Seuil, 1964.

ORME, N. *Medieval Children*. New Haven: Yale University Press, 2001.

ORME, N. *Medieval Schools. From Roman Britain to Renaissance England*. New Haven: Yale University Press, 2006.

PARSONS, B. The Way of the Rod: the Functions of Beating in Late Medieval Pedagogy. *Modern Philology*, Chicago, v. 113, n. 1, p. 1-26, aug. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1086/680664>.

RAWSON, B. Education. In: RAWSON, B. *Children and Childhood in Roman Italy*. New York: Oxford University Press, 2005. p. 146-209.

SONTAG, S. *Regarding the Pain of Others*. New York: Picador, 2003. DOI: <https://doi.org/10.3917/dio.201.0127>.

Recebido em: 23 de maio de 2020.
Aprovado em: 25 de junho de 2020.